

Ex.mos Senhores.

Estamos aqui reunidos desta forma peculiar dadas as circunstâncias actuais, com o propósito de dar posse aos novos Órgãos Nacionais que representarão a nossa Ordem. Findo o presente mandato, este, em particular, marcado por uma profunda reforma no seio da Ordem com a criação de novas Secções, é agora tempo de o implementar para que os anos que se seguem tragam uma nova Ordem, mais próxima dos associados e esperemos com mais eficiência e com mais sucesso.

Não me pronunciarei sobre o trabalho executado no último mandato, porque não tenho sobre ele esse mérito e porque haverá quem de direito se pronunciará. Desta forma e no papel que aqui exerci, limito-me a pronunciar-me sobre os problemas de carácter profissional.

Um novo mandato, os mesmos problemas de sempre.

Justificar perante a sociedade sobre o papel do arquitecto, no sentido de fazer entender sobre a relevância da qualidade e da funcionalidade do desenho e da construção do espaço em que vivemos. Espaço este constantemente assolado por tantas outras profissões e ainda pelo amadorismo e ignorância que cada vez mais contribui para a desqualificação do nosso ambiente. É uma luta ingrata e injusta que aos poucos vai sendo entendida, num esforço demasiado grande e pouco motivador até por parte da própria classe. Reivindicamos o direito à Arquitectura não como uma vantagem profissional para alguns, mas sim como um direito que todos temos a um espaço melhor desenhado e melhor planeado.

Vivemos numa sociedade que pauta pelo excesso de legislação e de burocracia, a maioria sem sentido, contraditória até em muitos casos mal escrita, reinterpretada constantemente e de forma diversa no mesmo território. Existem cerca de 6.000 Decretos e Portarias que se interpõe no nosso trabalho, seja na regulamentação dos projectos, da construção, dos licenciamentos e dos procedimentos. Sabemos mais leis dos que as profissões jurídicas e muito pouco contribuimos para a legislação. Á

semelhança da intervenção no espaço em que vivemos, as leis que as regulamentam não são feitas por nós.

Somos cerca de 25.000 arquitectos em Portugal, um rácio por habitante só superado na Europa pela Itália. Mas não somos nem muitos nem demais. A transformação constante e necessária do espaço em que vivemos, desde o conceito à sua realização deveria ser sempre acompanhada pelo nosso desenho, mas infelizmente não é, e o resultado todos conhecemos. Seria o mesmo que tratar das finanças sem saber fazer contas, ou da saúde sem ter qualificação. Infelizmente no nosso País o Estado quer através das autarquias como do governo, planeia projecta e executa de forma amadora, sustentada em clientelismos e em ideologias, sem profissionalismo, sem visão estratégica e com a durabilidade nunca maior que um mandato permite.

Com este panorama e esta visão a Arquitectura é tratada como um luxo de alguns, na qual se evidenciam as grandes obras emblemáticas com as estrelas da profissão e, fora isso a encomenda de trabalho seja resultado de um escrutínio de preços em saldos, para o qual não conta nem uma definição por menor que seja do que trata e é um projecto de arquitectura. Não admira que os arquitectos portugueses ganhem em média um salário baixo, mendiguem e se submetam a uma profissão para a qual sobrevivem enquanto Arquitectos, como sendo quase uma profissão de fé.

Nestas últimas eleições concorreram 4 listas cujos lemas aqui transcrevo:

"Uma Ordem Presente", "A Ordem és tu", "Isto só lá vai com todos", e "Arquitectura Perto".

Se existe aqui um denominador comum, porque existe, é a constante tentativa e aliciamento de trazer para o seio da Ordem os próprios arquitectos. Como disse anteriormente somos 25.000 e estas eleições que tiveram a maior participação de sempre foram votadas por 7.000. Cerca de 30%. A culpa não é dos associados se apenas entendem a pertinência da Ordem para disponibilizar as declarações que permite ao exercício da profissão e não actua nas áreas antes referidas. A Ordem dos Arquitectos

tem de deixar de ter um papel contemplativo e passar a tomar um papel interventivo na sociedade, de outra forma mais não é do que um clube ou uma associação que disponibiliza serviços aos seus associados. Precisamos de ter uma voz pertinente e permanente, capaz de apontar problemas e soluções, com uma presença constante e credível na sociedade.

Nas eleições há apenas uma lista que ganha, contudo estamos fatalmente unidos por que comungamos por força da profissão de muita coisa em comum. Por isso aqueles que agora darão lugar a novos, só nos resta desejar toda a sorte e fortuna, procurando potenciar esta realidade para dela retiramos em conjunto maiores vantagens para os nossos associados. É este o caminho, mesmo que aqui e acolá lhe possa ser apontado esta ou aquela desvantagem, no conjunto é sempre melhor juntos do que separados, forçando artificialmente o distanciamento ou isolamento.